

TURISMO E CIÊNCIA: REFLEXÕES EM TORNO DA PRODUTIVIDADE DO CONCEITO FOUCAULTIANO DE VERDADE PARA A AD

Ana Carolina Vilela-Ardenghi*

Resumo: Este artigo, como sugere seu título, apresenta uma breve reflexão em torno da produtividade do conceito foucaultiano de verdade para o quadro da Análise do Discurso. Para tanto, tomamos como ponto de partida uma nova modalidade de turismo crescente na nossa sociedade, a saber: o chamado turismo científico-cultural. Na análise de uma matéria publicada na revista feminina *Elle*, esperamos mostrar como essa nova maneira de se fazer turismo pode ser o lugar em que se encontram cristalizados discursos que constroem e/ou legitimam os espaços nacionais “genuínos”, este o tema de nossa pesquisa em andamento.

Palavras-chave: Identidade nacional. Espaços nacionais. Verdade. Análise do Discurso.

Abstract: This article, as its title suggests, presents a brief reflection about the relevance of Foucault’s concept of truth to the French Discourse Analysis. To achieve that, we considered as our starting point a new kind of tourism that appears to be increasing in our society these days: the scientific-cultural tourism. In the analysis of a piece of news published by the *Elle* magazine, we hope to show how this new way of making tourism can be the place where we can find crystallized discourses that construct and/or legitimate the national spaces, the theme of our current research.

Keywords: National identity. Nacional spaces. Truth. Discourse Analysis.

Primeiras palavras

O artigo que ora se apresenta é fruto de uma afirmação inquietante presente em Foucault (1971/1996) segundo a qual a vontade de verdade — em nossa sociedade — exerce uma certa pressão sobre outros discursos, o que tem como um de seus efeitos a recorrência a enunciados de “verdade” ainda que não se esteja no interior do campo que os produziu.

Olhando para parte do *corpus* levantado para análise em nossa atual pesquisa¹, notamos que havia ali um fenômeno interessante e que merecia, minimamente, uma reflexão, possibilitada pela asserção acima. Trata-se de uma nova modalidade de turismo em crescimento na atualidade e que é referido comumente como “turismo cultural” ou “turismo

* Professora Assistente do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), *campus* de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), São Paulo, Brasil. vilela-ardenghi@ibest.com.br.

¹ A pesquisa busca analisar como se dá discursivamente a construção de um espaço nacional “típico” brasileiro, um dos elementos implicados na construção de uma identidade nacional.

científico”². Neste trabalho, temos por objetivo observar em que medida a questão da verdade importa para a compreensão do surgimento desse tipo de turismo em nossa sociedade. Assim, procuraremos destacar a importância do já mencionado conceito de Foucault, a partir de algumas matérias jornalísticas.

Breves considerações teóricas

A hipótese de trabalho de Foucault n^o *A ordem do discurso* é, nas palavras do próprio autor:

que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1971/1996, p. 8-9).

Partindo dessa hipótese, Foucault apresenta, então, os mecanismos de controle dos discursos. E faz isso em dois, digamos, “níveis”: em primeiro lugar, aponta três formas de controle exercidas do exterior sobre os discursos e, depois, também três que se exercem internamente aos discursos. Para fins deste trabalho, interessa-nos abordar uma das formas de controle externas aos discursos, a saber: *a vontade de verdade*. Esta forma de exclusão discursiva é, segundo aponta Foucault, a de que menos se fala, “como se para nós a vontade de verdade e suas peripécias fossem mascaradas pela própria verdade em seu desenrolar necessário” (FOUCAULT, 1971/1996, p. 19-20). Trata-se de pensar, então, a verdade menos como uma “descoberta”, como se ela estivesse sempre já-lá, e, sim, uma “construção” ou, como quer Foucault, na junção com o poder. Para ele, a relação entre poder e saber é bastante intrincada, uma vez que se pode “pensar que a maior parte das funções de poder [...] se difunde pelas vias do saber” (FOUCAULT, 2006b, p. 35). A vontade de verdade seria, pois, um dos ingredientes da vontade de poder.

No entanto, Foucault observa que ele poderia ser “contestado” — especialmente em relação às demais formas listadas (interdição e segregação da loucura) — como um sistema de exclusão. Diz ele:

² Veremos que essas denominações já causam polêmica no campo.

como se poderia razoavelmente comparar a força da verdade com separações como aquelas, separações que, de saída, são arbitrárias, ou que, ao menos, se organizam em torno de contingências históricas; que não são apenas modificáveis, mas estão em perpétuo deslocamento; que são sustentadas por todo um sistema de instituições que as impõem e reconduzem; enfim, que não se exercem sem pressão, nem sem ao menos uma parte de violência [?] (FOUCAULT, 1971/1996, p. 13-14).

No entanto, é o próprio autor a nos alertar que a vontade de verdade funciona também tal como os demais sistemas de exclusão uma vez que se desloque o olhar:

certamente, se nos situamos no nível de uma proposição, no interior de um discurso, a separação entre o verdadeiro e o falso não é nem arbitrária, nem modificável, nem institucional, nem violenta. Mas se nos situamos em outra escala, se *levantamos a questão de saber qual foi, qual é constantemente, através de nossos discursos, essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa história, ou qual é, em sua forma muito geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber*, então é talvez algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se. (FOUCAULT, 1971/1996, p. 14; grifamos).

Foucault demonstra, em seguida, como a vontade de verdade também tem — à semelhança dos demais sistemas — um caráter histórico, modificável e institucional. Destaquemos aqui o aspecto institucional da questão. Segundo Foucault, ela se apoia sobre um suporte institucional, que a reforça e reconduz: as práticas pedagógicas, os livros, as bibliotecas, os laboratórios etc. E mais, diz ele, “ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (FOUCAULT, 1971/1996, p. 17). Por fim, mas, sem dúvida, não menos importante, destaca que a vontade de verdade, apoiada sobre o suporte institucional, “tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 1971/1996, p. 18). Os exemplos dados são absolutamente elucidativos: i) a literatura ocidental, que, por séculos, precisou apoiar-se sobre o verossímil, o natural, o científico, *i.e.*, sobre o discurso verdadeiro; ii) as práticas econômicas, que deslocaram-se do terreno de preceitos, receitas para o de uma teoria das riquezas e da produção; e iii) o sistema penal, essencialmente prescritivo, mas que buscou suporte em saberes da sociologia, psiquiatria, medicina etc.

Além desses, há ainda outro exemplo que se pode citar aqui: a oposição entre *scientia sexualis* e *ars erotica* de que fala Foucault em seus estudos sobre a sexualidade. Observando historicamente o funcionamento dos discursos sobre a sexualidade, Foucault põe em xeque a *hipótese repressiva* segundo a qual o sexo seria um tema “interdito”. E sustenta, por oposição a ela, que, desde o século XVII, as sociedades ocidentais presenciaram uma proliferação dos discursos sobre o sexo; proliferação *controlada* ou *regulada* dos discursos sobre o sexo: falar sobre o sexo era “permitido”, porém em alguns espaços, entre determinados interlocutores. Houve, portanto, uma crescente demanda de produção de “verdade” sobre o sexo, uma *vontade de saber*. Trata-se, então, neste cenário, de verificar como a vontade de saber sobre o sexo permitiu que, em torno dele e a seu respeito, se tenha “construído um imenso aparelho para produzir a verdade” (FOUCAULT, 1988/2009, p. 64), transformando o sexo em um *objeto de verdade*.

E, para produzir essa “verdade” sobre o sexo, há, historicamente, dois procedimentos, aos quais Foucault chama, como apontado mais acima, *scientia sexualis* e *ars erotica*. Se, por um lado, na *ars erotica*, “a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência” (p. 65), o mecanismo de produção da verdade sobre o sexo na *scientia sexualis* é a “confissão” (não restrita ao sentido religioso), que desemboca em um “outro prazer”:

o prazer da verdade do prazer, prazer de sabê-la, exibi-la, descobri-la, de fascinar-se ao vê-la, dizê-la, cativar e capturar os outros através dela, de confiá-la secretamente, desalojá-la por meio de astúcia; prazer específico do discurso verdadeiro sobre o prazer. [...] multiplicação e intensificação dos prazeres ligados à produção da verdade sobre o sexo. Os livros científicos, escritos e lidos, as consultas e os exames, a angústia de responder às questões e as delícias de se sentir interpretado, tantas narrativas feitas a si mesmo e aos outros, tanta curiosidade, confidências tão numerosas e cujo escândalo é sustentado por seu dever de verdade. (FOUCAULT, 1988/2009, p. 81).

Fizemos este percurso a respeito deste último estudo de Foucault para chegarmos ao ponto que aqui nos interessa — e que será oportunamente apresentado com mais clareza, esperamos. Entrevistando Foucault, juntamente com Nemoto, Watanabe relata um fato que ocorria à época da entrevista no Japão. Segundo ele, *ars erotica* e *scientia sexualis* haviam passado a se relacionar de forma curiosa, por meio de um discurso que pode ser sintetizado na seguinte formulação de Watanabe: “mais saber sobre o sexo garante mais gozo”.

Respondendo a isto, Foucault admite que, de fato, “esse saber se situa entre *ars erotica* e *scientia sexualis*” (FOUCAULT, 1978/2006, p. 30). Em outras palavras, ocorre uma invasão das verdades produzidas no interior de um campo de saber (a *scientia sexualis*) em outro campo (a *ars erotica*), em razão do que se disse mais acima: a pressão exercida pelos discursos de verdade sobre os outros discursos.

Cabe aqui uma observação importante em relação à tese foucaultiana: a noção de verdade proposta por Foucault não deve ser compreendida sem qualquer restrição. Isto porque é o próprio autor que, reconhecendo a importância de Nietzsche para sua pesquisa, revela que:

não é suficiente fazer uma história da racionalidade, mas a história mesma da verdade. Ou seja, em lugar de perguntar *a uma ciência* em que medida sua história lhe aproximou da verdade (ou impediu o acesso a ela), não haveria antes que dizer que a verdade consiste em uma determinada relação que o discurso, *o saber* mantém consigo mesmo, e se perguntar se essa relação não é ou não tem ela mesma uma história? (FOUCAULT apud CASTRO, 2009, p. 421; grifamos).

Gostaríamos de reter da citação acima a relação que Foucault estabelece entre a verdade e as ciências e os saberes. Não é, portanto, para Foucault, qualquer acepção da palavra verdade que é válida. Como bem observa Possenti (2009, p. 173), trata-se, para Foucault, “sempre das verdades que são produzidas segundo regimes discursivos especiais, os dos saberes ou os das ciências”.

E um saber, por seu turno, pode ser definido a partir da noção de positividade que Foucault apresenta:

trata-se dos elementos que devem ter sido formados por uma prática discursiva, para que, eventualmente, se constituísse um discurso científico, especificado não só por sua forma e seu rigor, mas também pelos objetos de que se ocupa, os tipos de enunciação que põe em jogo, os conceitos que manipula e as estratégias que utiliza. (FOUCAULT, 1969/2004, p. 204).

A esse conjunto de elementos, diz Foucault, “formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar, pode-se chamar saber” (FOUCAULT, 1969/2004, p. 204).

Feito este rápido esclarecimento, voltemos ao fenômeno descrito por Watanabe como uma imbricação da *ars erotica* e *scientia sexualis*. A esse respeito, Possenti (2009, p. 173) observa que tal “invasão, pelas verdades, de campos cujo funcionamento poderia parecer (e foi durante muito tempo) completamente alheio a esta característica” é um dos fenômenos interessantes de que as análises do discurso poderiam se ocupar. Para tanto, torna-se necessária uma leitura “restritiva” de Foucault, *i.e.*, que não desvincule a noção de verdade dos campos de saber em que são produzidas: o caso exemplificado por Watanabe é, segundo Possenti (2009, p. 179), “um bom exemplo de ‘invasão’ de um discurso de verdade nos domínios de outro, que não é de verdade”. Assim, “tanto importa distinguir os regimes de produção dos enunciados quanto dar-se conta de que certos discursos fazem questão de alimentar-se de enunciados de verdade” (POSSENTI, 2009, p. 179). Esse fenômeno é cada vez mais comum em nossa sociedade: do *Danoninho* — que traz em sua embalagem o texto “fórmula baseada em estudo científico” — aos cosméticos — por exemplo o Valmari, cujo slogan é “cosmética científica em cosmético natural” —, recorrer a enunciados de verdade tornou-se um expediente comum no campo publicitário. Como diz Possenti (2009, p. 179; grifos do autor), “propaganda *com* ciência é um bom negócio”. De certa forma, é esta imbricação que aqui nos interessa. Vamos, então, a ela.

Férias *com* ciência³

Como dissemos no início, é parte do *corpus* a ser analisado em nossa tese que servirá para refletirmos acerca da relação entre campos de saber e outros campos invadidos pelas verdades daquele.

O caso apresentado por Watanabe (FOUCAULT, 1978/2006) mostra que a *ars erotica*, pressionada pela *scientia sexualis*, vale-se de enunciados produzidos no interior daquele saber para explicar o gozo, numa relação que ele descreve como sendo algo como *quanto mais se sabe sobre o sexo maior o prazer*.

Para este trabalho, nossa hipótese é que se possa pensar algo semelhante, mas para o turismo. Dito de outra forma, é como se a forma “quanto mais se sabe ... maior (o prazer, o deleite)” pudesse ser parafraseada também neste campo. Isto porque um fenômeno crescente nessa indústria é uma nova modalidade de turismo a que se vem denominando “turismo

³ “Faça férias com ciência” é o slogan da Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica de Portugal, para evento chamado *Ciência Viva no verão 2003*.

científico” ou “turismo cultural” e que se oporia ao turismo tradicional – um “turismo básico, em que você faz um tour rápido pelos museus e se dá por satisfeita[o]”, segundo descrição de *Elle* (nov. 2009, p. 238). É possível, nesse caso, observar uma mudança significativa: não mais somente “curtir”, “aproveitar”, “passear”, mas “aprender”, “saber” (mais sobre).

Em encontro⁴ de profissionais do turismo ocorrido em Portugal, Couteiro⁵ (2003) propõe uma diferenciação entre turismo cultural, turismo científico e turismo científico-cultural. Destacaremos sua explicação pois pensamos que ela será importante para análise futura. Segundo ele,

no turismo cultural os saberes das *ciências naturais* e das *tecnologias agrárias* são muitas vezes esquecidos na elaboração de programas turísticos e respectivos conteúdos, em detrimento de algumas notas histórico-monumentais dispersas, quantas vezes desligadas de uma interpretação mínima da *geografia* desses territórios. ou, no caso do turismo científico, com públicos à partida limitados, existe uma perspectiva reducionista, especializada. Deveremos então falar de *turismo científico-cultural*, adaptado aos diferentes públicos-alvo e mercados. A interpretação da *paisagem* poderia funcionar como base para múltiplas abordagens da experiência turística. A componente *educação* assume um enfoque especial, sendo simultaneamente fundamental para a transmissão de conhecimentos que permitam uma mudança da postura dos visitantes face aos recursos a utilizar, bem como constitui mais um motivo de enriquecimento da própria *experiência turística*. (grifos no original).

Há que se registrar ainda, a respeito desta modalidade, que ela ganha contornos mais claros recentemente, mas que, há algum tempo, a ideia de que aprender torna a viagem melhor, ou aproveita-se melhor a viagem se se agregar conhecimentos, já aparece, porém diluída, em roteiros e matérias sobre turismo.

Podemos citar um exemplo retirado da revista *Época* de outubro de 2008. A matéria de capa é “O guia do turista verde”, que traz vinte indicações de “paraísos ecológicos”, no Brasil e no exterior, a serem visitados pelos turistas. O nono destino indicado é a Amazônia. O texto explicativo que “recomenda” o local é o seguinte:

Um destino-vitrine que não foi devidamente descoberto pelos brasileiros. Para nós, a região ainda é sinônimo do Ariaú, hotel de selva famoso, porém menos confortável e

⁴ Trata-se do 1º Encontro de Turismo em Espaços Rurais e Naturais, promovido pela Escola Superior Agrária de Coimbra.

⁵ Seu trabalho encontra-se disponível em: <http://www.esac.pt/tern/tern/papers/2-6-Pedro%20F%20Couteiro_PP.pdf>.

autêntico que outros. Um exemplo: o Tiwa, que fica em frente a Manaus, na margem oposta do Rio Negro, e une conforto e boas experiências de selva. *Se eu só pudesse ter uma experiência de selva, iria para a Pousada Uacari, parte de um projeto científico na Reserva Mamirauá.* (O guia do turista verde, *Época*, 27/10/08, p. 90; grifamos).

Se há outros motivos para se ficar na pousada recomendada, não sabemos, mas o fato de fazer parte de um projeto científico parece ser o mais relevante.

Outra matéria, intitulada “Olha o passarinho” e publicada na revista *TAM nas nuvens* (mai. 2009), destaca o *birdwatching* “uma atividade que atrai cada vez mais estrangeiros ao Brasil – e mostra aos brasileiros por que nossos ecossistemas devem ser preservados”. A matéria apresenta várias considerações que têm fundamento na ornitologia (ramo da biologia que estuda os pássaros, sua distribuição no planeta, sua alimentação etc.). O guia de *birdwatching*, segundo a matéria, tem pontos em comum com o ornitólogo, pois sabe, por exemplo, como se distribuem determinadas espécies de aves pelo planeta, de que se alimentam, sua família, classe etc. É isso, aliás, que o diferencia de um “observador comum”. Mas um dos pontos que consideramos importantes trazidos pela matéria é o fato de que o *birdwatching* surge como uma alternativa à caça. Nesse sentido, poderíamos dizer que o prazer, o deleite advém do *saber mais sobre pássaros* (seu habitat, sua alimentação, seus hábitos...). Além disso, as práticas dos *birdwatchers* são bastante semelhantes às do ornitólogo: expedições de busca e reconhecimento, filmagens, gravações dos cantos, fotografias, catalogações.

Os exemplos apresentados acima são, para nós, importantes na medida em que são provenientes de revistas que, no primeiro caso, não é especializada em turismo, e, no segundo, é voltada para um público mais restrito (somente quem viaja de avião e por aquela empresa aérea). Isso é um índice de que esse discurso encontra-se relativamente disseminado em nossa sociedade – ou seja, já ultrapassou as barreiras das revistas especializadas no assunto.

A partir de agora, passaremos a analisar de maneira privilegiada uma matéria publicada na revista *Elle*, dirigida ao público feminino, e que consideramos representativa desta “modalidade turística”, *locus* da “invasão” em pauta. A matéria em questão intitula-se *Embarque de cabeça* (nov. 2009).

O subtítulo da matéria de *Elle* é, nesse sentido, bastante significativo da relação entre turismo e os saberes em cujo bojo são produzidas as verdades: “Egito com um professor de história ou Galápagos acompanhada de biólogos: *ELLE* separou cinco viagens culturais para você passear (e aprender) junto com um expert”. E ainda, no parágrafo introdutório, “*ELLE*

selecionou cinco roteiros focados em arte, história, enologia, meditação e ecologia”. Interessante destacar a respeito do tema uma observação de Couteiro (2003); segundo o turismólogo, nessa nova modalidade de turismo, trata-se de “pensar a aplicação específica de várias disciplinas interpretativas do território a uma actividade económica: o turismo”, e cita as seguintes disciplinas: climatologia, ecologia, geomorfologia, antropologia, história, arqueologia, ciências agrárias, geografia.

O que é preciso notar a respeito da situação analisada aqui é que não são somente enunciados de verdade que invadem o campo do turismo, mas, antes, as próprias práticas de cada um dos saberes com os quais se relacionam — como vimos mais acima a respeito de *birdwatching*, por exemplo. No caso da proposta de pacote com biólogos para Galápagos apresentada por *Elle*, a viagem comporta expedições, palestras, aulas etc.

Ainda que a ênfase seja na aquisição de conhecimento acerca do local visitado, é preciso reforçar que não há uma mera substituição de modalidades de turismo, *i.e.*, sai o “turismo básico” e entra o “turismo científico”. O que ocorre, na verdade, é que, ao “turismo básico” acrescentam-se práticas que agreguem conhecimento ao turista — e essas práticas são apresentadas por experts em cada área⁶. Tomemos como exemplo o roteiro de história da arte proposto pela matéria em pauta, que prevê visitas a museus (dez dias no total); a matéria destaca que “apesar da programação intensa de arte, sempre sobra um tempinho para quem quer comer bem, fazer umas compras e dar uma voltinha de gôndola, claro” (*Elle*, nov. 2009, p. 244) — atividades típicas do “turismo básico”. Ainda assim, o componente “educacional” é enfatizado, pois, como adverte a matéria, o principal objetivo de quem embarca nesse roteiro é “aprender mais sobre a arte contemporânea”. Lembre-se, contudo, que isso só pode ser conseguido com especialistas de cada área: “conhecer vinícolas e vinhedos e experimentar vinhos especiais num roteiro acompanhado *por quem entende do assunto*” (*Elle*, nov. 2009, p. 242, grifamos), como demonstra o trecho referente ao roteiro de vinhos.

Outro pacote proposto pela revista inclui Índia e Butão e é voltado para a aprendizagem de ioga e medicina aiurvédica. “Para chegar um pouco mais perto do nirvana, os turistas têm aulas de vedanta (uma das bases do hinduísmo) e de ioga *com mestres locais*, assistem a rituais milenares e passam quatro dias numa imersão de tratamentos e massagens aiurvédicas” (*Elle*, nov. 2009, p. 240, grifamos).

A interface com a história, por seu turno, é proposta por meio de uma visita ao Egito: “que tal aprender história antiga, os detalhes da cultura egípcia e os mistérios dessa

⁶ Veja-se sobre isso a definição de Couteiro (2003) apresentada mais acima.

civilização no próprio Egito, percorrendo cada cantinho do país?” (*Elle*, nov. 2009, p. 246). O pacote inclui visitas a sítios arqueológicos em horários diferentes dos “turistas”(!) — me pergunto, então, o que são as pessoas que escolhem este roteiro? Ironias à parte, é preciso lembrar que esses roteiros *com* especialistas não são *para* especialistas. Antes, dirigem-se ao público comum, leigo, interessado em *aprender, conhecer* mais sobre determinado tema. Esses dois verbos, aliás, — mas especialmente o primeiro — povoam a matéria, juntamente, é claro, com *viajar*.

Por fim, gostaríamos de lembrar que este trabalho apresenta apenas algumas reflexões iniciais sobre o tema. Esperamos, porém, que tenha sido possível, de alguma maneira, problematizar, à luz de conceitos foucaultianos, um aspecto da relação entre campos de saber e outros campos que está presente em nossa sociedade atual. A seguir, apresentaremos, a título de conclusão, uma questão que surgiu durante a realização deste trabalho e que poderá servir de “guia” para trabalhos futuros.

Considerações finais

A matéria de *Elle*, sumariamente apresentada acima, nos chamou a atenção para um ponto referente à construção discursiva de espaços tipicamente nacionais — objeto de nossa pesquisa em andamento. A título de conclusão, ainda que longe de ser definitiva, passaremos a apresentar algumas considerações sobre o assunto, que nos levaram à formulação de uma hipótese que nos parece relevante a respeito do tema de nossa pesquisa.

Dos roteiros e também do texto que introduz a matéria, destacamos as seguintes associações:

- a) Grécia → mitologia⁷
- b) Índia e Butão → ioga
- c) Galápagos → ecologia
- d) Egito → história

A partir de tais relações estabelecidas pelos roteiros, a hipótese que talvez se possa formular é que eles estão estreitamente ligados com um espaço “típico”, “genuíno” de cada país. Ou, em outros termos, poderíamos formular a seguinte questão: em que medida tais

⁷ Do texto introdutório (*Elle*, nov. 2009, p. 238): “ir para a Grécia com um professor de mitologia”.

pacotes turísticos difundem/pressupõem um certo “estereótipo” do espaço nacional de tais lugares?

No caso de roteiros nacionais, por exemplo — e que não foram aqui objeto de maior análise, mas que podemos encontrar com relativa facilidade em revistas e na internet —, é possível notar, por exemplo, relações estabelecidas (preferencialmente, mas não só) com a natureza — como no exemplo da Amazônia, que citamos acima (selva + projeto científico) e também na matéria sobre *birdwatching*, que destaca Poconé (MT) como um dos destinos preferidos dos praticantes estrangeiros. Acreditamos que, a partir de tal modalidade de turismo seja possível pensar a construção do espaço de um “Brasil genuíno”.

Referências

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COUTEIRO, P. F. Turismo científico e cultural: para uma clarificação de conceitos. Coimbra, Portugal: 2003. Disponível em: <http://www.esac.pt/tern/tern/papers/2-6-Pedro%20F%20Couteiro_PP.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2009.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber* (1969). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. *A ordem do discurso* (1971). São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. Sexualidade e política (1978). In: MOTTA, M. B. (Org.). *Michel Foucault: ética, sexualidade, política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 26-36. (Ditos & Escritos, v. V).

_____. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

POSSENTI, S. Sobre dois conceitos de Foucault. In: _____. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 169-179.